

American Reflexxx:
O Nomadismo do Gênero como Fuga da Normalização dos Corpos¹

Alessandra Pereira WERLANG²

Alexandre Rocha da SILVA³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

O artigo busca identificar na materialidade do sexo uma das formas de controle do capitalismo contemporâneo para normalização das identidades. A ascensão de novas tecnologias possibilita o trânsito entre identidades e instiga a percepção de novas formas de ser, porém pluri-normativizar não implica em superar as normas. Utilizando como base as teorias *queer* e pós-humanistas e como objeto de análise o curta-metragem de experiência social *American Reflexxx*, o artigo desenvolve a ideia da desmaterialização do corpo como resistência a um processo de normalização das identidades. O principal desafio da multidão *queer*, então, é evitar a segregação do espaço público, o que os levaria a uma condição constante de marginalidade, mas também evitar ser captado por enquadramentos, utilizando o nomadismo como escape.

Palavras-chave: Gênero; *queer*; nomadismo; pós-humano

Introdução

O sexo, segundo Beatriz Preciado (2011), é uma das formas de controle utilizadas pelo capitalismo contemporâneo para normalização das identidades. A categoria ‘sexo’ “não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa” (BUTLER, 1993). Para Judith Butler “o ‘sexo’ é um ideal regulatório cuja materialização é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente regulatórias” (BUTLER, 1993, p.1).

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática IJ08 Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 6º semestre do curso de Jornalismo da FABICO/UFRGS, bolsista de Iniciação Científica pela PROBIC/FAPERGS, email: alessandra.werlang@ufrgs.br

³ Professor dos cursos de Graduação e Pós-Graduação de Comunicação Social da FABICO/UFRGS, email: arsrocha@gmail.com

Através do Estado, da ciência e da educação, o sexo é materializado através da reiteração de normas para então servir como regulador do corpo, identificando quais corpos são “doentes” e tem menor valor, consolidando a supremacia da identidade heterossexual e cisgênera. Se assumir fora do padrão imposto é reivindicar autonomia sobre o corpo. A norma corporal não é simplesmente passada para o sujeito, mas o sujeito é formado por ser obrigado a passar pelo processo de assumir seu sexo. É por meio da identificação que e as normas regularizadoras agem criando uma matriz excludente, pela qual permite ou nega identidades (BUTLER, 1993).

O avanço das ditas minorias é um advento pós-humano, que ignora a naturalidade do sexo e toma o gênero como processo de identificação social. Donna Haraway (1991) utiliza a figura do ciborgue como transgressão as concepções prévias de natureza e como um marco do fim das barreiras entre humano e máquina, entre gêneros.

Para agir de forma eficaz contra as normas regulatórias do sexo, o objetivo da multidão *queer* seria então a desmaterialização do corpo, resistindo a todo processo que os torne “normal”. Porém, é preciso evitar “a segregação do espaço público que faria da multidão *queer* um tipo de margem ou de reservatório de transgressão” (PRECIADO, 2011, pg.14). Assumir a identidade desviante serve então como forma política de combate ao padrão e uma forma de visibilidade dessa multidão, mas sem se apoiar na naturalização e sim na performatividade dos seus agentes. Beatriz Preciado reforça:

Por oposição às políticas ‘feministas’ ou ‘homossexuais’, a política da multidão *queer* não repousa sobre uma identidade natural (homem/mulher) nem sobre uma definição pela prática (heterossexual/homossexual), mas sobre uma multiplicidade de corpos que se levantam contra os regimes que os constroem como ‘normais’ ou ‘anormais’: são os *drag kings*, as *gouines garous*, as mulheres de barba, os transbichas sem paus, os deficientes ciborgues... O que está em jogo é como resistir ou como desviar das formas de subjetivação sexopolíticas. (PRECIADO, 2011, pg.16)

O devir é o que rege essa multidão. Devires minoritários de mulher/ homossexual/ negro que representam avanços políticos independente da identidade que representam.

Gênero enquanto multiplicidade

A divisão binária do gênero sempre foi pensada no entorno do sólido terreno da naturalidade. As normas do sexo são perpetuadas no discurso, que produz um enquadramento das multiplicidades do corpo, limitando seu potencial. O “certo X errado”, “bom X mau” é aplicado no corpo do indivíduo, com o objetivo de distinguir o modelo ideal de masculinidade e heterossexualidade pelas outras formas de representação que não se encaixam no sistema. Porém, em um terreno tão vasto em multiplicidades, a divisão binária se torna obsoleta. Não podemos pensar em “quem eu sou” e sim “o que eu faço”. O gênero, tanto quanto a sexualidade, são performances do corpo e não estão presas às identidades (BUTLER, 1993).

Para Butler (2010), estamos presos em uma ordem compulsória que exige a coerência entre um sexo, um gênero e um desejo/prática. A concepção de gênero é legitimadora do discurso normativo. Ele aprisiona o sexo dentro de si como uma ordem natural do corpo, mantendo um difícil caminho para a desconstrução por não estar mais na ordem cultural de construção. O gênero tem o papel de fixar a matriz heterossexual, assegurada pela ordem binária de sexo que limita os seus desvios. A performatividade então é como o sexo/gênero se apresentam, não só para aqueles que deviam da norma dominante, mas para todos os sujeitos. Pois quando retiramos a natureza do determinismo do sexo/gênero, passamos a ser reprodutores das ações culturais sobre aquilo. Para Butler (2010), gênero é um ato intencional, um gesto performativo que produz significados. Ela avança as teorias feministas essencialistas que se baseiam em um “eu” por trás da construção social do gênero.

Porém, a performatividade não é algo inventado pelo indivíduo, apropriada intencionalmente, como vestir uma fantasia. A “paródia de gênero” é reiterada historicamente e culturalmente. Os indivíduos somente reproduzem as ações culturais e as perpetuam. “Submetido ao gênero, mas subjetivado pelo gênero, o ‘eu’ não precede nem segue o processo dessa generificação, mas emerge apenas no interior das próprias relações de gênero e como matriz dessas relações” (BUTLER, 1993, p.7). Quando o sujeito nasce, já está interpelado pelas relações de gênero que tornam possível sua identidade na cultura já estabelecida do local. Quando ainda feto, a definição de seu gênero a partir do sexo já carrega uma carga cultural que é determinante na posição que aquele sujeito ocupará na sociedade.

A ascensão de novas tecnologias possibilita o trânsito de identidades e sua multiplicidade. Se para as sociedades da revolução industrial o consumo era feito de forma massiva e a disciplina previa um enquadramento em padrões, hoje temos a possibilidade de personalizar nosso consumo, transitando entre uma infinidade de informações e culturas. Porém, ainda estamos preocupados com o pertencer, como explica Bruna Baffa:

Na nossa ânsia de definição e pertencimento, fomos do fechado para o aberto, da normatividade para a possibilidade, tudo em busca do tão sonhado espaço para ser o que se quiser ser e para ser diferente e singular. Ser dois OU ser vários ainda dialoga dentro da mesma lógica, a lógica do ser. Pluri-normativizar não é superar as normas, é simplesmente pluri-normativizar. É melhor, é mais confortável, é mais generoso, mas ainda é. A verdade é que sonhamos sempre muito além do que sequer sonhamos saber e, no espiral do ser, passamos a nos perguntar: seria o futuro a continuação ou o rompimento com o passado? Superar é transcender. (BAFFA, 2015⁴)

O consumo aqui tratado não é o consumo da identidade do sujeito. Esta não pode ser tratado como um ato de escolha do sujeito. (BUTLER, 1993). O consumo aqui é o que ele produz. A sensação de pertencimento quando enquadrado na lógica capitalista como parte de seu público.

Se o capitalismo avançado aceita identidades minoritárias desde que participem do mercado como consumidores, qual é a posição política a ser adotada? Levar ao fim do capitalismo pode levar ao fim da emancipação de gênero, por exemplo (como diz Deleuze, toda ação revolucionária pode criar algo belo ou algo monstruoso). Também não surpreende os discursos libertários e declaradamente de direita (pró-capitalismo, pró-consumo, hedonista) dentro dos movimentos *queer*, porém

A máquina de guerra não é uma bandeira do Estado mínimo ou por qualquer outro tipo de reivindicação. Ela não é espontaneísta e nem sequer “democrática”. Ela não passa de um paradigma da criação e da ação contínuas. Na melhor das hipóteses, ela é a não-censura, o desbloqueio, o engajamento para achar uma saída, não uma solução para problemas naturaliza-dos, mas uma saída quando estes nos sufocam. Mas a saída não é uma mera fuga negativa, mas uma busca de oxigênio: “um pouco de possível senão sufocamos”... A fabricação de possível requer o trabalho de materiais do metalúrgico, sob pena de se transformar num possível que é apenas objeto de nossa imaginação. (ONETO, p.160)

⁴ Disponível em: <http://pontoeletronico.me/2015/transcengender/>

American Reflexxx: do ódio ao desconhecido

Lançado em 2013, *American Reflexxx* é um curta-metragem de experiência social dirigido pela americana Alli Coates. Performado pela artista cisgênera Signe Pierce, o documentário acontece nas ruas de Myrtle, na Carolina do Sul, um dos estados mais conservadores dos Estados Unidos. A personalidade interpretada no vídeo veste o que seriam “roupas de stripper” e esconde seu rosto em uma máscara espelhada. Durante uma hora percorrendo as ruas da cidade, a figura agênero é assediada pelos pedestres pela imagem feminina que representa, mas também agredida verbal e fisicamente por parecer transgênero.

Judith Butler afirma que as categorias de ser constroem o humano, e tudo aquilo não identificável tem sua humanidade retirada. Não há, desde antes do nascimento, - no qual o gênero do feto é delimitado de acordo com seu sexo – nenhum outro momento de neutralidade do ser, então

Estas atribuições ou interpelações alimentam aquele campo de discurso e poder que orquestra, delimita e sustenta aquilo que pode legitimamente ser descrito como ‘humano’. Nós vemos isto mais claramente nos exemplos daqueles seres abjetos que não parecem apropriadamente generificados; é sua própria humanidade que se torna questionada. Na verdade, a construção do gênero atua através de meios excludentes, de forma que o humano é não apenas produzido contra o inumano, mas através de um conjunto de exclusões, de apagamentos radicais, os quais, estritamente falando, recusam a possibilidade de articulação cultural (BUTLER, 1993, p.8)

A construção do humano se dá justamente pela diferenciação do que constrói o não-humano. Na sociedade ocidental a construção da humanidade consiste na diferenciação de culturas a partir do corpo material (VIVEIROS, 2015). Por isso, há de certa forma um determinismo para a socialização das pessoas com relação ao seu físico. O corpo é o meio de pregar uma cultura de privilégios sociais. A naturalização das ciências biológicas categoriza os seres, criando modelos do que seria o corpo saudável e

servindo de ancoragem para um determinismo em relação ao sexo. A biologia nesse caso também seria uma expressão da cultura ocidental, pois o natural também é cultural. Apesar da evolução em relação ao tratamento das pessoas *queer* pela medicina, ainda se considera um transtorno ser transexual ou disforme ser hermafrodita.

Na perspectiva ameríndia, a natureza seria a forma particular do objeto, já que a multiplicidade de corpos animais teria em comum a cultura.¹ As classificações de gênero para os índios norte-americanos eram mais amplas. Em algumas comunidades se reconheciam pessoas transexuais e também gêneros não binários. Porém, mesmo nas comunidades indígenas, o reconhecimento da humanidade não se dá somente por semelhanças físicas. Mesmo dentro de uma espécie podemos não reconhecer a humanidade do outro, mas reconhecê-la em espécies diferentes (VIVEIROS, 2015).

A figura do vídeo está imersa nas possibilidades do gênero fluido. Ela não pode ser classificada e, portanto, não é considerada humana por aqueles que buscam a semelhança. Donna Haraway (1991) pôde identificar em seu Manifesto Ciborgue, as rupturas desta criatura com o humano, não somente pela figura clássica do homem robô, mas também pelo “derretimento das fronteiras entre humano e animal, entre gêneros, entre humano e maquínico, natural e artificial, físico e não físico” (Felinto; Santaella, 2012, pg 30). A figura ciborgue é então a materialização da transgressão e objeto de temor das normas dominantes do patriarcado, colonialismo e capitalismo. O seu corpo é máquina de guerra, como na concepção de Deleuze e Guattari

Não se trata de falar do aparato militar que um Estado, reino ou império é capaz de construir para fazer guerra contra seus inimigos internos ou externos, mas de mostrar que uma máquina de guerra é sempre (por definição) exterior às diversas formas de Estado surgidas ao longo da história. Estas seriam, a rigor, manifestações de um outro paradigma, correlato ao primeiro e com o qual a máquina de guerra manteria uma relação de oposição, permanentemente tensão, concorrência com atração mútua, mas sem complementaridade: o paradigma do aparelho do Estado (ONETO, p.148)

A tática da máquina de guerra é o nomadismo. Assim como a preocupação do aparelho estatal é sua conservação, a guerrilha efetiva contra ele é impedir sua formação. As identidades aqui podem ser consideradas as táticas de manutenção dos poderes do Estado absoluto (ONETO). Todas as identidades formadas podem ser

captadas por ele, mesmo aquelas que antes beiravam a marginalidade como os LGBTs, mas isso não implica em um avanço social. A inclusão de classes no sistema capitalista pode parecer vantajosa, porém é somente uma pluri-normatização, e não uma superação das normas como dito anteriormente. O Estado, como as identidades (os dois se apresentam em ancoragem mútua; existem pelo outro) são territorializados e regidos pelas normas. A máquina de guerra escapa dos seus sistemas por não existir em materialidade, se apresentando somente em seu processo. É o devir-problematizante de Deleuze e Guattari que vai mover a máquina e ameaçar as concretudes do saber.

Cabe também ressaltar a diferença do nômade para o migrante. O migrante vai de um lugar ao outro, sendo matéria de diferentes formas, e o “nômade só afirma o deslocamento durante o seu movimento” (ONETO, p.156). Wiliam Peres (2012) define o estado nômade pela subversão aos padrões estabelecidos. É desse conceito que o nomadismo contribui para entender a performatividade do sexo como uma tática contra a sua materialização. Paulo Oneto reforça que é nesse movimento constante que as forças minoritárias tem velocidade como agente de mudanças. Quando as lutas políticas são capturadas pela burocracia do Estado, elas perdem sua força.

No final do vídeo, a figura ciborgue está estendida no chão após ser agredida. Surge então a voz de um homem, branco, cisgênero que ordena que a multidão que a violentava pare e, atendendo ao seu pedido, a multidão se dispersa. O ciborgue só é respeitado quando uma voz atribuída de poder ordena. Em entrevista a revista online Artnews⁵, Signe Pierce relata:

“Não importava se por trás da máscara eu era um homem/ mulher/ transgênero/ feio/ bonito, e eu não queria que eles se sentissem menos justificados por terem me machucado se eles percebessem que eu era uma mulher cisgênera depois de terem gritado todos aqueles insultos detestáveis e comentários transfóbicos para mim” (tradução minha)⁶

⁵ Disponível em:

<http://www.artnews.com/2015/05/04/we-didnt-set-out-to-make-a-piece-about-dehumanization-mob-mentality-or-violence-alli-coates-and-signe-pierce-talk-american-reflexxx/>

⁶ “*It didn’t matter if behind the mask I was a man/woman/trans/ugly/pretty, and I didn’t want them to feel like they were any less justified in hurting me if they realized I was a cis woman after hurling all these hateful slurs and transphobic remarks my way*”.

A figura ciborgue reflete em sua máscara espelhada um retrato da intolerância contra aqueles que não-identidade, a incapacidade de se projetar no outro, do reconhecimento da “humanidade”. O que não se encaixa em nenhum grupo, que não é homem/mulher/prostituta/travesti ou é todas as formas de ser ao mesmo tempo, é excluído por todos esses grupos, deixado à margem da sociedade ou simplesmente eliminado dela. É com essa tática de não identificação que podemos falar em ações de desconstrução rápidas, agentes de uma micropolítica formados não por sujeitos identitários que busquem reconhecimento, mas sim que corram por fora do sistema o tencionando constantemente.

Para Guattari,

“a máquina homossexual, longe se depender de uma ‘identificação ao progenitor do mesmo sexo’, rompe com toda forma de adequação possível a um pólo parental que possa ser apontado. Longe de se resolver em fixação no Semelhante, ela é a abertura à Diferença. A recusa da castração, no/na homossexual, não significa que ela/ele brocha diante de suas responsabilidades sociais. Pelo contrário, ao menos potencialmente, ele/ela tenta, a seu modo, expurgar estas responsabilidades de todos os procedimentos identificatórios normalizados, que no fundo são meras sobrevivências dos rituais de submissão os mais arcaicos” (Guattari, 1981, p. 39)

O indivíduo *queer* não é um revolucionário em si, mas é parte da ruptura das normas por existir.

Considerações Finais

Apesar de parecerem distantes da realidade, sendo representados principalmente no espaço do imaginário tecnológico em filmes de ficção científica, os ciborgues são, sobretudo, todos aqueles que rompem com as barreiras identitárias. Diante das vastas multiplicidades que a performance humana pode adquirir, o terreno seguro do natural é eliminado e o divino passa a se tornar o próprio homem, capaz de criar a si mesmo. A figura de Deus é substituída pelos próprios sujeitos.

Os corpos, segundo Guacira Lopes (2003), deslizam e escapam não apenas pelas alterações que o sujeito realiza, mas também porque são alvos de conflito. Estado,

religião, ciência, mídia e até mesmo os movimentos sociais LGBTs e feministas, discursam sobre o corpo e tentam moldá-lo.

A racha em movimentos de esquerda, desde os movimentos operários marxistas na revolução industrial, é a não compreensão da diversidade e dos objetivos que rondam a todos. Ainda é na burocracia que se perde as forças da política minoritária, que verticaliza e estratifica as relações. Não é a toa que o discurso liberal ganha força quando não compreendemos a importância também do coletivo em meio à acentuação das diferenças. O individualismo egocêntrico predomina entre as pautas minoritárias, fragmentadas em diversos grupos.

O que deve unir a multidão é o sentimento do devir mulher/trans/homossexual, no qual todos, apesar de diferentes, têm o mesmo objetivo da desconstrução. Pois mesmo os sujeitos não enquadrados nas “minorias” sociais são tocados pelas pautas desse movimento. A questão é romper com a normalização das identidades, com a repressão ao desejo.

As multidões *queer*, tendo o diferencial da não identificação como sua principal potência, precisa superar a materialidade do corpo. Para isso, devem escapar do enquadramento do sujeito e sua normatização, mas também fugir da marginalização. Guattari (1981), em *Anatomia do Possível*, identifica três cercos a que todo movimento de massa acaba preso: o da repressão social; o da segmentação em grupos; o do sobreinvestimento do “ideal de grupo”. Existe o “risco objetivo de que, da conjunção entre aparelho repressivo e a lógica dos grupelhos, renasçam inelutavelmente formas monstruosas de desejo de tirania e de desejo de sujeição” (GUATTARI, 1981, p. 72). Para fugir do cerco, somente criando novas formas de interação social para a luta micropolítica.

O nomadismo entra aqui como tática de fuga das identidades. A identidade nômade é presente em seu processo e potencialidade, mas nunca chega a se materializar. "A própria diferença é nômade, porque não se totaliza em uma marca identitária, mas se apresenta como fluxo" (PERES, 2012, p.541). A identidade quando se apresenta é transitória. O sujeito está em constante construção identitária, e por isso é um sujeito *queer*. A performatividade de gênero, entendida por Butler (1993) como o modo como o gênero se apresenta no sujeito, é aqui sua própria forma de superar a normalização da

identidade. Como dito, o sujeito *queer* não é agente da mudança em si, porém é sua própria existência que tenciona as práticas naturalizadoras que constroem o sexo biológico e utilizam dela como instrumento de poder.

Referências bibliográficas

BAFFA, Bruna. **Transcengender – um ensaio sobre a verdade.** <http://pontoeletronico.me/2015/transcengender/> Acesso em: 08/12/2015 às 21:36

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”.** 1993. [suporte eletrônico] Disponível em: <<http://eng5010.pbworks.com/f/ButlerBodiesThatMatterEx.pdf>> Acesso em 04/05/2016.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 3ª ed, 2010.

ARTNEWS. ‘We didn’t ser out to make a piece about dehumanization, mob mentality, or violence’: Alli Coates and Signe Pierce talk ‘American Reflexxx’ Disponível em: <http://www.artnews.com/2015/05/04/we-didnt-set-out-to-make-a-piece-about-dehumanization-mob-mentality-or-violence-alli-coates-and-signe-pierce-talk-american-reflexxx/> Acesso em: 08/12/2015 às 21:36

FELINTO, Erick. SANTAELLA, Lucia. **O nascimento do pós-humano na cibernética.** In: O explorador de abismos: Vilém Flusser e o pós-humanismo. São Paulo: Paulus, 2012

GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular: pulsações Políticas do Desejo.** Brasiliense 1981

HARAWAY, Donna. **Simias, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature.** Nova York: Routledge, 1991.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpos que escapam.** Estudos feministas, vol 04. Brasília/ Montreal/ Paris: Labrys

MISKOLCI, Richard. **A teoria queer e a questão das diferenças: por uma analítica da normalização.** 2007. Em: Congresso de leitura do Brasil

ONETO, Paulo Domenech. **A Nomadologia de Deleuze-Guattari.** In: Revista Lugar Comum– Estudos de mídia, cultura e democracia. Rio de Janeiro: UFRJ [suporte eletrônico] Disponível

em:

<http://uninomade.net/wp-content/files_mf/112703120550A%20nomadologia%20de%20Deleuze%20e%20Guattari.pdf> Acesso em 04/07/2016.

PRECIADO, Beatriz. **Multidões queer: notas para uma política dos ‘anormais’**. Estudos feministas. Florianópolis, 19(1): 312, janeiro-abril/2011

PERES, Wiliam Siqueira. Travestilidades Nômades: A explosão dos Binarismo e Emergência do *Queering*. Estudos Feministas, Florianópolis: maio-agosto/2012

<https://www.youtube.com/watch?v=bXn1xavynj8> Acesso em: 08/12/2015 às 13:40

<http://indiancountrytodaymedianetwork.com/2016/01/23/two-spirits-one-heart-five-genders>

Acesso em: 08/07/2016 às 16:40